

A S P E C T O S da Literatura Colonial Portuguesa

por PAULO BRAGA

Nestes últimos tempos, os observadores e os críticos vêm dedicando uma atenção maior à situação em que se encontra, após um longo período de propaganda e de criação de estímulos, a nossa literatura colonial. E, geralmente, são unânimes em concordar que todas as quimeras e todas as certezas falharam. A literatura colonial não é, hoje, o que há dez ou há vinte anos se esperava ou desejava que fosse. E talvez nem sequer nada justifique a separação de um certo número de livros num sector particular da nossa bibliografia literária.

Passam, é verdade, de uma dezena os escritores que se reuniram ou foram reunidos no grupo dos intelectuais colonialistas. Poucos, porém, nos mostram toda uma obra orientada no sentido colonialista, embora nestes poucos se encontre a única justificação admissível de uma literatura. Julião Quintinha, Gastão de Scusa Dias, Maria Archer. Os restantes fizeram literatura colonial impelidos por uma inquietação efémera, por uma inspiração facilmente esgotável, por um interesse de ordem material ou pela esperança de um êxito em concursos, ou ainda, na maioria dos casos, por uma imposição de ordem profissional, como seja a do jornalismo. Pinto Quartim, Julião Quintinha, Lúgo Rocha, Maria Archer, Luiz Teixeira e outros—o próprio autor deste artigo considerase incluído neste grupo—fizeram jornalismo colonial. Só porque reuniram os seus artigos, crónicas e reportagens em livro passaram a ser considerados escritores colonialistas. E frizemos desde já que não nos referimos a alguns autores que, por falta de talento, de inteligência, de cultura e de rudimentares conhecimentos da arte de escrever, não podem ser classificados nem como escritores, nem como jornalistas.

A literatura colonial portuguesa tem, pois, a caracterizá-la, em primeiro lugar, a falta de escritores e a não comprovação de um alto valor mental na maioria daqueles que a têm querido fazer, especialmente daqueles que se dedicam à pura criação literária.

Os motivos porque acontece assim é que devem merecer as atenções dos que se interessam pela actividade espiritual à volta da nossa acção colonizadora e civilizadora em todos os continentes. Eles não deixarão de surgir em plena evidência nos primeiros mo-

mentos de análise e terão a utilidade de nos demonstrar que nem tudo é incapacidade mental, ausência de emotividade e de poder criacionista, por parte dos nossos intelectuais—mas sim o resultado de factores de diversas categorias originados nas contingências do ambiente intelectual português.

Contra essas contingências deve ser dirigida a luta a desenvolver para a criação de uma verdadeira e eficiente espiritualidade colonial—capaz de nos dar os grandes escritores colonialistas e de provocar o movimento intelectual que seja a projecção no campo espiritual de uma acção colonizadora e civilizadora com séculos de história.

Quando se pensa no facto de não possuímos uma literatura colonial em notável desenvolvimento, pergunta-se logicamente:—Quantos são os escritores portugueses que conhecem o Ultramar? E conclue-se que uma das causas do estado actual desta literatura está precisamente na não-realização de intercâmbios de intelectuais.

Na generalidade, os escritores que têm dado lugar, bem ou mal, ao aparecimento de um sector na nossa literatura orientado para a divulgação da vida e das paisagens do Ultramar, conhecem, pelo menos, uma colónia. Mas, evidentemente, conhecer uma colónia ou todas não é o bastante para se fazer literatura colonial. Entretanto, foi este conhecimento de uma ou de várias colónias que criou os nossos escritores colonialistas, visto que, se exceptuarmos Gastão de Sousa Dias, Julião Quintinha, Pinto Quartim, Augusto Casimiro e poucos mais escritores e jornalistas, chegamos à conclusão de que os nossos escritores colonialistas vieram intelectuais de lugares para onde foram como simples funcionários ou como colonos. E, embora não seja degradante e nem sequer criticável, tudo isto é bem sintomático.

Lá fora, dá-se o contrário: Sabe-se que em países de grande actividade editorial, dirigida por industriais inteligentes e mentalmente contemporâneos, a literatura com clima espiritual exótico é um pretexto para a deslocação dos melhores escritores. Há modas nos ambientes literários, como no vestuário, na medicina, na filosofia. Hoje são Haíti ou Bornéu os sugestivos ambientes do romance. A'manhã serão Honolulu ou Martinica. Depois serão Bati

ou Nova-York, Viena ou o Rio de Janeiro. E depois a Índia, a China ou a Etiópia... E os editores procuram, para os ambientes com actualidade, os escritores. Pagam as viagens. Comercialmente, fazem intercâmbios espirituais com os países estrangeiros. As potências coloniais fazem-no também, assim, com os seus domínios ultramarinos. E a acção oficial, sem se tornar desnecessária, é menos surpreendente no seu espírito negativo, isto é, quando por sua vez não auxilia igualmente esta espécie de intercâmbios.

Recordo que Ferreira de Castro foi já convidado a visitar Timor—com o fim de escrever um romance de ambiente timorense. Não houve um convite de qualquer entidade oficial. Não recordo, porém, se partiu de um editor ou de um simples amigo ou admirador do escritor ou da colónia. Mas, fora de dúvida, podemos estar convencidos de que este caso passado com Ferreira de Castro foi e é um caso único na vida intelectual portuguesa e de que temos de lamentar que o romancista da *Selva* não haja aquiescido ao extraordinário convite, pois teria demonstrado ao país, às entidades oficiais e aos editores a utilidades para a criação intelectual do conhecimento das paisagens e dos climas espirituais distantes por parte de espiritualidades capazes de os saberem observar, compreender e sentir.

Ora, uma outra característica da nossa literatura colonial está na circunstância de nos dizer que a maioria dos nossos escritores colonialistas não soube ainda observar, compreender e sentir as paisagens e os climas distantes. De onde esta inferioridade? É lógico que a atribuamos à causa já citada de quasi todos os nossos escritores colonialistas terem sido, antes, simples funcionários. Surgiram e surgem intelectuais—sem um passado intelectual. E faltalhes, por isso, a cultura, a sensibilidade, a lição das horas, tranquilas ou revoltas, em que se medita sobre exemplos, se descobrem perspectivas e se definem propósitos.

Depois, desta inexistência de cultura, de sensibilidade, de meditação demorada sobre os exemplos, de perspectivas e de propósitos derivam as deficiências dos trabalhos de literatura colonial portuguesa. Ela é uma literatura de personagens vagos em mundos característicos ou sem paisagens e sem climas espirituais. É, por vezes, um con-

junto de ensaios de principiantes. É, outras vezes, uma simples fonte de esperanças irrealizáveis. E vai ao ponto de possuir livros sem gramática...

Em Portugal, já há muito nos convencemos de que o jornalismo só se faz com jornalistas-profissionais. Mas ainda não se pensa que uma literatura só se faz com escritores...

Tudo isto é lamentável e contra tudo isto é imprescindível lutar-se. Um dos processos de luta estará na exposição dos males a remediar. E eis a razão porque ao escrevermos mais este artigo sobre a literatura colonial portuguesa não pensamos, desiludidos, que, como no pensamento de La Bruyère, «tout est déjà dit et nous arrivons trop tard». Entretanto, é provável que não esteja tudo dito!

Conhecidas as realidades, temos de procurar os processos de as melhorarmos ou valorizarmos. O dos intercâmbios aparece-nos imprescindível. Proporcionar viagens aos escritores e jornalistas da Metrópole equivalerá a conceder-lhes sugestões novas, possibilidades de trabalho, expansão... Os laços políticos e morais que unem a Metrópole ao Ultramar e as colónias entre si tornar-se-ão mais fortes. A vida mental portuguesa adquirirá horizontes mais vastos. Para a literatura surgirão novas realidades... E não é isto que se deseja e se pede há muitos anos, em artigos de jornal, em livros, em conferências, nos preâmbulos justificativos dos concursos literários?

E eis que se aproxima uma oportunidade para se dar início a esta política de intercâmbios...

Há algum tempo que a Imprensa do Ultramar, secundada por uma parte da Imprensa metropolitana, vem defendendo a ideia da realização de um Congresso da Imprensa Colonial. A iniciativa, ou, pelo menos, a faz actual da iniciativa, encontrou entusiasmos incondicionais nos jornais de Moçambique e de Angola, o que nos leva a crer que o Congresso se realizará numa destas colónias, ou em ambas. Será pouco razoável desejar-se que a êle concorram escritores e jornalistas da Metrópole—não só os que se têm dedicado à literatura e ao jornalismo coloniais, mas também quaisquer outros de méritos comprovados?

(continua na pág. doze)